

Luís António de Almeida Macedo

**FACTOS MEMORÁVEIS
DA HISTÓRIA DE PORTUGAL**

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2017

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *Factos Memoráveis da História de Portugal*

Autor: Luís António de Almeida Macedo

Atualização e Revisão de Texto: Ricardo Batalheiro

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Duarte Lázarto/Alma dos Livros

Ilustração de capa: © Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 431 119/17

1.^a edição: setembro de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

ÍNDICE

Introdução	11
Capítulo Um: Viriato, ilustre chefe dos Lusitanos, ou antigos Portugueses.	13
Capítulo Dois: Astúcia e valor de algumas lusitanas. Aventura trágica da bela Osmia.	23
Capítulo Três: Sertório à frente dos Lusitanos.	25
Capítulo Quatro: D. Rodrigo Forjaz, o Cid português.	29
Capítulo Cinco: Batalha de Ourique vencida por el-rei D. Afonso Henriques.	33
Capítulo Seis: Cerco de Lisboa por D. Afonso. Ele toma solenemente o título de rei de Portugal.	37
Capítulo Sete: Ação heroica de D. Pedro, irmão natural de el-rei D. Afonso I, durante o cerco de Lisboa.	41
Capítulo Oito: Geraldês surpreende Évora.	45
Capítulo Nove: Valor de Maia.	49
Capítulo Dez: Última ação de el-rei D. Afonso I contra os Mouros. Morte deste grande guerreiro.	51
Capítulo Onze: Cerimónias executadas na morte de D. Afonso I, rei de Portugal.	53

Capítulo Doze: Primeiras expedições de el-rei D. Sancho I contra os Mouros.	55
Capítulo Treze: Calamidades de Portugal debaixo do reinado de D. Sancho I. Virtudes deste soberano.	57
Capítulo Catorze: El-rei D. Afonso II.	63
Capítulo Quinze: Acontecimento singular entre dois cavaleiros portugueses.	65
Capítulo Dezasseis: Anedota relativa ao cerco de Celorico.	67
Capítulo Dezassete: Fidelidade de Martim de Freitas.	69
Capítulo Dezoito: Formidável invasão dos Mouros em Castela. O rei de Portugal marcha contra eles e são completamente derrotados.	71
Capítulo Dezanove: D. Pedro e D. Inês.	75
Capítulo Vinte: Batalha de Aljubarrota.	81
Capítulo Vinte e Um: Expedição de el-rei D. João I sobre a costa de África e tomada de Ceuta.	85
Capítulo Vinte e Dois: Primeiras navegações dos Portugueses nos mares onde se presume que fora a antiga Atlântida.	93
Capítulo Vinte e Três: Descoberta da Madeira.	95
Capítulo Vinte e Quatro: Viagens dos Portugueses ao continente da África.	99
Capítulo Vinte e Cinco: Vasco da Gama. Principais circunstâncias da sua viagem à Índia.	103

Capítulo Vinte e Seis:	
Descoberta do Brasil por Álvares Cabral.	107
Capítulo Vinte e Sete:	
O samorim vai atacar Cochim defendida pelos Portugueses. É derrotado.	111
Capítulo Vinte e Oito:	
Soares alcança uma vitória naval sobre os Indianos. Ele volta a Portugal na companhia de Pacheco.	117
Capítulo Vinte e Nove:	
Principais traços da vida de D. Francisco de Almeida e de seu filho D. Lourenço.	121
Capítulo Trinta:	
Expedição de Afonso de Albuquerque, denominado o Grande, contra o reino de Ormuz.	131
Capítulo Trinta e Um:	
Ataque de Calecute por D. Fernando Coutinho e Afonso de Albuquerque.	139
Capítulo Trinta e Dois:	
Albuquerque apossa-se de Goa, é expulso, e definitivamente se torna dela a apoderar.	143
Capítulo Trinta e Três:	
Albuquerque faz a conquista de Malaca.	153
Capítulo Trinta e Quatro:	
Estabelecimento dos Portugueses nas Molucas.	157
Capítulo Trinta e Cinco:	
Naufrágio de Albuquerque.	159
Capítulo Trinta e Seis:	
Combate naval entre os Portugueses e os Javas.	161
Capítulo Trinta e Sete:	
Nova Expedição de Albuquerque contra Ormuz. Ele apodera-se dela.	165
Capítulo Trinta e Oito:	
Últimos instantes de Afonso de Albuquerque; relação da sua pessoa e carácter.	167

Capítulo Trinta e Nove:	
Primeiro cerco de Diu.	171
Capítulo Quarenta:	
Segundo cerco de Diu.	183
Capítulo Quarenta e Um:	
Singular ação de D. João de Castro. Seu triunfo em Goa.	197
Capítulo Quarenta e Dois:	
Morte de D. João de Castro. Alguns traços da sua vida.	199
Capítulo Quarenta e Três:	
Naufrágio de Sepúlveda sobre as costas orientais da África.	203
Capítulo Quarenta e Quatro:	
Carrasco num só navio combate a esquadra inteira do soberano de Achém.	207
Capítulo Quarenta e Cinco:	
Prodigiosos esforços dos príncipes da Índia para arrojarem fora do país os Portugueses. O vice-rei Ataíde transtorna os seus projetos.	209
Capítulo Quarenta e Seis:	
Expedição de el-rei D. Sebastião a África. Seus funestos resultados.	215
Capítulo Quarenta e Sete:	
Quadro completo da Restauração de Portugal.	217
Capítulo Quarenta e Oito:	
Principais circunstâncias dos acontecimentos que se seguiram, logo que Portugal, e todas as suas colónias, reconheceram o seu legítimo rei.	233
Capítulo Quarenta e Nove:	
Terremoto de 1755 em Lisboa.	237
Capítulo Cinquenta:	
Ministério do Marquês de Pombal.	239
Capítulo Cinquenta e Um:	
Alguns acontecimentos notáveis desde o começo do governo do Senhor D. João VI, imperador e rei.	241

INTRODUÇÃO

Todas as nações do mundo têm tido épocas de brilhantismo; esta verdade apresenta-se naturalmente ao espírito quando se indagam seus anais: aqueles de Portugal são assaz interessantes. Desde o tempo dos Romanos que os habitantes deste país se tornaram, mais do que nunca, dignos de ocupar as páginas da história. Este o motivo de relatar neste resumo os acontecimentos que tiveram lugar no tempo de Viriato, Aníbal dos Lusitanos, e de Sertório, adotado por eles. Apenas a península composta por Espanha e Portugal saiu da opressão dos bárbaros, como todo o resto da Europa, este último país teve os seus reis independentes. Então começou a brilhante época da sua glória e de suas extraordinárias conquistas.

Capítulo Um

Viriato, ilustre chefe dos Lusitanos, ou antigos Portugueses.

Sulpício Galba, nomeado pelos Romanos pretor em Lusitânia, era um daqueles governadores cuja rapina e crueldade muitas vezes levaram ao desespero os povos conquistados. Os Lusitanos, tendo assaz feito reconhecer o seu ódio contra a opressiva tirania dos Romanos, jamais suportariam longo tempo as extorsões e os furores de Galba. Acometeram as suas legiões e mataram sete mil romanos. Galba, escapando à mortandade e reforçado com tropas que lhe foram enviadas, pôs tudo a fogo e sangue; e quando viu depois que os Lusitanos, sem esperanças, lhe suplicavam a paz, traçou, para acabar de os perder, um plano abominável. Fingiu desculpar o seu procedimento e ofereceu-lhes habitações preferíveis aos lugares que tinham sido destruídos. Eles julgaram-no sincero e em grande número se apresentaram no lugar que lhes fora designado para se concluir a começada convenção. Galba atacou-os e assassinou-os. Apenas um pequeno resto pôde escapar ao furor dos romanos sequiosos de carnagem; e entre estes fugitivos se achava Viriato.

Acusado por Catão, Galba foi obrigado a ir dar conta da sua conduta no Senado romano. Ele conhecia os meios de comover os seus juízes: tomou seus filhos nos braços e desenvolveu uma enérgica eloquência; e como os senadores sabiam perfeitamente que ele só tinha obrado segundo a espantosa política de Roma, foi tornado a enviar absolvido.

Contudo, Viriato, incitado pelos mais nobres motivos de vingança, reúne aqueles que haviam escapado do destroço e aqueles que por uma justa desconfiança, ou por outros motivos, se haviam subtraído à convocação de Galba. Ele condu-los sobre o mesmo campo onde os cadáveres dos seus amigos estão em parte devorados pelos animais ferozes, onde os filhos se acham exangues sobre o seio de suas próprias mães, e as tenras filhas assassinadas ao lado dos seus mais caros parentes. Viriato reconhece uma daquelas que lhe deveram a existência. Desde logo imprime as mãos sobre as suas feridas e jura, em vingança de tão horrorosos crimes, jamais depor as armas sem haver derramado ondas de sangue romano. Seus companheiros pronunciam com ele terríveis juramentos e vão fazer tomar armas aos povos de toda a Lusitânia. Viriato não julgou bastante achar-se apoderado da sua boa vontade; exercitou-os pelo espaço de algum tempo e, quando os reputou soldados, conduziu-os na Carpetânia, hoje [a 1.^a edição desta obra é de 1826] reino de Toledo, onde se achavam as principais forças dos Romanos.

Depois de haver começado hostilidades, quis ligar mais do que nunca à sua causa os que a tinham abraçado, e preparou uma horrível cerimónia. Sacrificou a Marte, com a sua própria mão, um cavaleiro romano que tinha sido aprisionado; e os seus soldados, metendo um após outro a mão direita nas entranhas da vítima, juraram de novo que eles fariam aos Romanos uma guerra sem limites. Cerimónia espantosa, mas que recorda, que sem tão justos motivos de vingança, estes mesmos Romanos sacrificavam um gaulês e uma gaulesa para tornar propícias as divindades, quando começavam a guerra com os povos daquele

país, então chamado Gália, e atualmente França. Viriato e os seus foram depois levantar contribuições sobre os habitantes da Bética, aliados dos Romanos.

O Senado fez marchar Marco Vetílio contra eles, o qual, pela rapidez da sua marcha, conseguiu surpreendê-los. Viriato não teve outro recurso senão encerrar-se numa cidade da Bética. Os seus soldados, reduzidos ao extremo apuro, propuseram a Vetílio de lhe entregar a cidade debaixo de certas condições. Eles tinham-se acautelado, guardando para com o seu chefe um absoluto segredo; contudo, ele penetrou-o, fez reuni-los e, pelas mais fortes razões, conseguiu fazer mudar a sua resolução. Pouca dificuldade havia em demonstrar-lhes que jamais se deveriam confiar dos Romanos, e que era melhor expirar com as armas na mão do que suportar ainda a sua perfídia e crueldade. Quando ele os viu num destes momentos de entusiasmo, que decidem da sorte dos combates, fê-los sair da cidade e arranjou-os em batalha. Os romanos apresentaram-se em frente naquela admirável ordem que lhes submeteu tantas nações; mas Viriato, este chefe, de um dos povos que o orgulho romano intitulava bárbaros, provou, nesta circunstância, que ele era mais hábil capitão do que o chefe dos seus contrários. Deliberado a fazer a sua retirada, tentou primeiro do que tudo pôr a salvo a infantaria, que era pouco numerosa. Cobrindo-a de toda a sua cavalaria, fê-la desfilar em pelotões por veredas que lhes eram conhecidas. Quando a julgou distanciada tanto quanto ele desejava, entrou na cidade com a sua cavalaria. Os romanos deram-lhe um assalto que sustentou até à noite; retirou-se então com todos os seus cavaleiros, indo reunir-se à infantaria em Tríbola, cidade situada perto do estreito de Gibraltar, e que hoje não existe.

Uma tão bela retirada, e a honra de ter iludido assim aqueles que se reputavam mestres na arte da guerra, granjearam a Viriato um consumado crédito. Muitos povos igualmente fatigados do jugo dos Romanos, mas que não tinham ousado

declarar-se, lhe forneceram soldados, víveres, e tudo o que lhe era necessário para continuar a campanha com vigor. Vetílio marcha a opor-se, cai numa emboscada e morre, bem como quase todo o seu exército. Ele foi apreendido por um soldado, mas a sua avançada idade e excessiva gordura fizeram acreditar ao lusitano, que não o conhecia, ter nele um mau escravo, e cortou-lhe a cabeça.

O resto do exército romano retirou-se a Tarifa. O questor de Vetílio reuniu mais soldados e quis tentar fortuna. Viriato derrotou-o e numa só ação fez-lhe morrer dez mil homens. Arrojou-se depois novamente sobre a Carpetânia, e dirigiu-se a Toledo.

É constante que os Romanos nunca eram tão obstinados nem mais temíveis, que depois dos seus desastres. Gaio Pláucio foi enviado a Espanha e marchou rapidamente contra Viriato com forças consideráveis. Viriato, cujas tropas se achavam fatigadas e diminuídas, pelos contínuos combates que tinham sustentado, entrou na Lusitânia. Pláucio destacou quatro mil cavaleiros a fim de o perseguirem. Eles encontraram-no no momento em que a sua infantaria estava passando o Tejo: Viriato sustentou a ação com a sua cavalaria, e depois de um combate dilatado, não menos que sanguinoso, ele conseguiu uma completa vitória.

Apenas havia pisado o terreno da sua pátria, soube que Pláucio atravessava o Tejo. Entrincheirou-se não longe de Évora, sobre o monte de Vénus, assim chamado por haver ali um templo erigido àquela deusa. Apesar da vantagem que a situação dava ao seu inimigo, Pláucio não duvidou atacá-lo. Empenhou-se uma porfiada batalha, na qual, de uma e outra parte, se fizeram prodígios de valor; porém, a vantagem pertenceu finalmente aos lusitanos.

Ao pretor Pláucio sucedeu Cláudio Unimano, reputado um muito hábil general. Pôs com efeito em prática todos os estratagemas possíveis para conduzir aos seus laços Viriato, mas este

mostrou tanta ciência quanta o seu adversário; e, por último, quando ambos de alguma sorte se acharam fátigados de recorrer a todas as subtilezas da tática, finalmente se encontraram, como por tácita convenção, na planície a que depois deram o nome de Ourique, immortalizada, como se verá, pela vitória brilhante de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Esta vez ainda o ascendente de Viriato triunfa e a sua vitória foi mais completa do que todas as precedentes. Os Romanos perderam as suas águias, todas as mais insígnias e até as do general. Os vencedores elevaram de todos estes despojos um troféu no mais alto da montanha.

O cônsul Nigídio veio substituir Unimano; ele foi também de todo derrotado e, de comum acordo, os Lusitanos proclamaram Viriato libertador da pátria.

A derrota de Nigídio tinha aberto ao herói lusitano toda a Espanha ulterior: ele a transitou vitorioso, mas enquanto o moço Cipião ia destruir Cartago, o Senado enviou o seu amigo Légio a comandar em Espanha. Viriato, sabendo quanto ele era temível, sua sabedoria e sua experiência iguais ao seu valor, regressou à Lusitânia e conservou-se como encerrado enquanto Légio persistiu em Espanha, mas também este não atacou Viriato.

A Légio sucedeu Quinto Fábio Máximo Emiliano. O seu orgulho, fundado talvez tanto por ser de uma das famílias mais ilustres de Roma, quanto sobre os seus talentos militares, lhe fez acreditar, em desprezo do exemplo de quase todos os seus predecessores, que os Lusitanos jamais se arrojariam a medir-se com ele. Viriato desengana-o tomando-lhe na Bética duas importantes cidades. Surpreende depois um comboio de munições a Fábio e destroça um dos seus destacamentos, enquanto o cônsul se dirigia a Cádiz para oferecer um sacrifício a Hércules, a fim de lhe conceder vitória sobre os Lusitanos. De volta ao seu campo, Fábio tratou de restabelecer o seu crédito e alentar os soldados.

Aproveitou uma ocasião favorável e bateu os Lusitanos, obrigando-os a procurar os sítios que a natureza havia fortificado. Pouco depois retomou as duas cidades de que Viriato se havia feito senhor, e se vangloriou altamente que seria para ele o que Cipião tinha sido para Aníbal. Comparar Viriato ao herói cartaginês era sem dúvida tecer-lhe um magnífico elogio, e talvez este elogio, tão lisonjeiro na boca de um inimigo, não fosse ainda muito exagerado. Quando expirou o consulado de Fábio, ele pediu e obteve um triunfo que era bastante para provar qual terror Viriato havia inspirado nos Romanos, pois que eles concediam uma tal honra ao general que não tinha conseguido vantagens decisivas.

Viriato reforçou o seu exército e fez rebelar contra os Romanos muitos povos da Espanha, apesar de Popílio, que foi substituído por Quinto Cecílio Metelo, chamado o Macedónico, por causa das vitórias que obtivera na pátria de Alexandre. Metelo destacou contra Viriato o seu lugar-tenente Quíncio e se encarregou de submeter os confederados. Quíncio bateu Viriato perto de Évora e o general lusitano retirou-se ainda esta vez sobre o monte de Vénus. Ali exortou os soldados a vingar o seu ultraje e marcha a encontrar Quíncio, o qual fugiu para Córdoba, depois de ter perdido quinze mil romanos.

Deixando a Metelo a Espanha Oriental, o Senado enviou para a Ocidental Fábio Máximo Serviliano. Exceto em algumas ocasiões extraordinárias, os exércitos romanos jamais foram numerosos nos países conquistados; pode portanto julgar-se como formidável a força que Serviliano comandava, independente daquela que obedecia a Metelo. O primeiro tinha dezoito mil homens de pé, mil e oitocentos cavaleiros, dos quais eram trezentos númidas enviados por Micipsa, filho de Masinissa, e mais dez elefantes. Além disto, Serviliano era um chefe bravo, experimentado e zeloso partidista daquela disciplina severa a que Roma deveu tantas vitórias. Viriato, sem amedrontar-se, fátiga Serviliano enquanto possui mantimentos, e retira-se

depois à Lusitânia guardando a melhor ordem; porém, dois dos seus generais foram derrotados por Serviliano, que tomou além disso muitas cidades e fez vender todos os prisioneiros. Depois ele mandou cortar as duas mãos a Cónoba, de origem lusitana; era na realidade mais um salteador do que um guerreiro, que desolava a Bética, mas Serviliano não deixou, contudo, de faltar ignominiosamente à palavra que lhe dera, de o receber como prisioneiro e sem o maltratar. Poucos dias depois Serviliano atraiu junto de si alguns chefes lusitanos, debaixo do pretexto de combinar os meios de concluir uma tão sanguinosa guerra; e da mesma sorte lhes mandou cortar as mãos. Assim, Serviliano, ainda que muito hábil general, não se prezava mais do que os outros seus patrícios de sustentar um juramento dado aos inimigos de Roma.

Viriato vingou nobremente os seus companheiros desgraçados: fez levantar a Serviliano o cerco de Erisane; depois, havendo-o colocado numa situação perigosa, o forçou a concluir um tratado pelo qual Roma reconhecia aos Lusitanos o direito de ser livres, obrigava-se a entregar as praças que lhes haviam sido tomadas e, enfim, de os tratar como aliados, contanto que eles se contivessem pacíficos dentro do seu país. Viriato julgava ter gloriosamente concluído a guerra com uma paz necessária aos seus concidadãos, mas ele não conhecia a política de Roma. O Senado, como o havia feito em muitas ocasiões, desaprovou o general e enviou seu irmão Quinto Servílio Cepião a suceder-lhe. Cepião, vituperando altamente Serviliano, devastou a Lusitânia. Viriato parte de Valença, que se julga ter sido fundada por ele, embaraça os progressos de Cepião, e julga que ainda lhe era possível consolidar a paz. Ele envia três dos seus oficiais, Minuro, Audax, e Ditalco, ao general romano. Cepião os enche de obséquios e dádivas; depois lhes diz que o só meio de obter de Roma uma paz sólida era o de fazer expirar o seu ambicioso general, que já teria escravizado os seus concidadãos se não estivesse a combater com os Romanos. Suscitou

oportunamente o ciúme, iludiu-os com a esperança de suceder a Viriato, e só os deixou retirar quando os viu bem deliberados ao crime. Regressando ao campo eles anunciaram a Viriato que era necessário renunciar a toda a esperança de paz. Ele afligiu-se, sem conceber a menor suspeita dos malvados. Deteve-os a cear e depois eles retiraram-se. Quando se persuadiram de que Viriato já estivesse dormindo, voltaram para o apunhalar, servindo-se, para cometer este execrável delito, da facilidade que tinham de entrar no seu aposento a toda a hora, quer de dia quer de noite, sem que fossem suspeitos aos guardas do general, de quem possuíam uma absoluta confiança. Isto feito, eles, a favor das trevas, se apresentaram no campo dos romanos.

Quando se descobriu que Viriato, por um vil assassínio, tinha perdido a vida, todo o exército foi penetrado da mais excessiva dor, a qual bem depressa se comunicou a toda a Lusitânia. Seria possível provarem-se outros sentimentos pelo grande homem, que no espaço de catorze anos tinha tantas vezes humilhado os Opressores do mundo, e com tantas vantagens defendido e sustentado a liberdade da pátria?

Tributaram-se a Viriato as honras fúnebres, que se praticavam com as pessoas mais ilustres, e sem dúvida ninguém até àquele tempo as tinha na Lusitânia tão dignamente merecido; e é desnecessário refutar o retrato odioso que dele fizeram alguns historiadores romanos. A verdade, que eles mesmos têm sido forçados a confessar, os condena; e em tudo o que se acaba de ler, que há que não seja muito honroso para Viriato, com exceção do sacrifício do cavaleiro romano? Porém, com quantos horríveis crimes os Romanos não tinham provocado as represálias de um pai vingando suas filhas cobardemente assassinadas? Ademais, têm eles tido algum inimigo temível, cuja memória não manchassem com acusações odiosas? Testemunhas Breno, Aníbal, Spartacus, Mitridates, e outros.

Os assassinos apresentaram-se em Roma a exigir o prémio que julgavam ter devidamente merecido.

Cipião Nasica era então cônsul; disse-lhes que Roma estimava muito Viriato para recompensar aqueles que se não tinham vexado de atentar contra os seus dias, e ordenou-lhes que saíssem de Roma debaixo de pena de uma infalível morte. Este rasgo foi sempre elogiado, mas parece bem que Cipião Nasica, ao qual se conferiu o título do mais honrado homem de Roma, o teria muito melhor merecido não se contentando unicamente com ameaçar de morte uns homens tão malvados. Parece bem que o Senado e ele deviam igual suplício aos manes desse Viriato, que eles estimavam tanto; e, por último, parece que Servílio Cepião, cujo artificioso discurso os conduzira ao crime, devia ter sido punido. Longe de tudo isso, este mesmo Cepião, tendo completamente derrotado Táutalo, bravo, mas pouco hábil sucessor do grande Viriato, e submetido a Lusitânia, obteve sem dificuldade as honras de um triunfo que ele havia preparado pela corrupção e pela perversidade.